

O AMERICANO

Escriptorio
Rua de Santa Thereza, 16

PROPRIETARIOS E REDACTORES
Cyro de Azevedo e Sá Vianna

Publica-se
às Quartas e Sabbados

ANNO I

Sabbado, 20 de Agosto de 1881

N. 17

ANNUNCIOS

EMANCIPADORA ACADEMICA

A commissão encarregada do bazar que realisou-se nas noites de 15 e 16 do corrente pede aos srs. arrematantes que retirem os objectos comprados até o dia 18 á tarde, á rua Alegre n. 18.

31

RUA DE S BENTO

Onde ha as melhores tamaras e ameixas?

A
CASA DE
BENTO GUIMARÃES & COMP.
31-Rua de S. Bento-31

A magnifica CANTATA

Salut au Brésil

Poesia de A. Thiébaud, musica de G. Giraudon.

Cantada no dia 14 de Julho, pela distincta

PAOLA MARIE

Vende-se em casa de

JULES MARTIN

37-RUA DE S. BENTO-37

A. BOTA DE PARIZ
CALÇADOS
DE
TODAS
AS
QUALIDADES
—X—
Rua de S. Bento-49
S. PAULO.
Guimarães & Lobo

ADVOGADO

O dr. Pinto Ferraz, para os misteres de sua profissão, é encontrado, todos os dias uteis, das 11 ás 3 da tarde, no escriptorio á (10-4

—4 TRAVESSA DA SE' 4—

31--Rua de S. Bento--31

GRANDE ARMAZEM DE MOLHADOS
E

Fructas

DE

BENTO GUIMARÃES & COMP.

Completamente sortido dos melhores generos, vendendo á preços baratissimos, abriu-se este novo estabelecimento á

31- Rua de S. Bento--31

S. PAULO

LIVROS

á venda no escriptorio desta folha :
ESBOÇOS CRITICOS da Faculdade de Direito de S. Paulo em 1879, por M. A. S. SÁ VIANNA.

ESTUDOS SOCIAES E LITTERARIOS por CYRO DE AZEVEDO.

16--RUA DE SANTA THEREZA--16

S. PAULO

TOUCINHO

O que ha de mais superior.

ASSUCAR

REDONDO

Quasi branco, grande porção em casa de

SILVA & AMARAL
Travessa da Sé

O AMERICANO

O Museu

Não ha muito tempo ainda, depois que a «Provincia de S. Paulo» justemente clamou contra o mau estado em que diariamente cáe a Bibliotheca da Faculdade de Direito.

Não é apenas seu mau estado o que nos importa, porém os poucos serviços que presta á provincia.

Não se procura hoje mostrar a necessidade da criação de bibliothecas publicas em todos os logares possiveis; precisa-se apenas que essa verdade geralmente acceita passe á realidade.

Hoje cabe-nos a vez de fallar, em relação, porém ao Museu.

Crear-se uma instituição, de grande vantagem, para deixal-a entregue ao esquecimento, não prestando serviço ao publico, nem aguçando o espirito e o interesse deste para augmental-a, é o destino de grande numero de empresas que a iniciativa do governo não é bastante para sustentar.

O Museu Nacional na Côrte creado em 1817 é considerado um dos primeiros da America do Sul; mas abre suas portas aos Domingos e o publico invade-o curioso. Alem d'isso, em qualquer outro dia, mediante facil licença é elle franqueado quer ao simples visitante, quer ao individuo que lança-se á pesquisa de

objectos que justifiquem o que leu nos livros, o que da cadeira lhe ensinou o mestre.

Ha na provincia do Pará, é verdade que ainda em começo, instituição identica, até, ao que nos consta, auxiliada pelos cofres provinciaes.

Em Minas Geraes e no Ceará ainda encontram-se nucleos mais ou menos desenvolvidos, nenhum porém entregue ás camadas de poeira, como o desta cidade, que não consegue ser visto e examinado pelo publico.

Museus e bibliothecas são criações que devem merecer todo cuidado do governo, facilitando o mais possivel seu augmento, a leitura dos livros e o exame das curiosidades expostas, depois de convenientemente classificadas.

Ha em S. Paulo uma bibliotheca velha, deteriorada, com a qual se dispende qualquer quanria, e que afinal não é frequentada, porque encerra ella, quasi que absolutamente, a literatura ecclesiastica e juridica. Ha um museu pequeno, que podia ter merecido as sympathias e os favores do publico, si o governo o organisasse convenientemente, dirigindo circulares por toda a provincia, com o fim de fazer aquisição de objectos que o augmentassem.

Ora tudo isso é facil, e a utilidade que d'ahi se pode auferir, compensa perfeitamente qualquer dispendio que possa ser feito.

O sr. senador Florencio, chegando á esta capital reclamou a reedi-

cação do palacio da presidencia, e logo foi attendido, pois o sr. conde de Tres Rios, á exemplo do administrador effectivo da provincia, resolve por conta dos cofres provinciaes a reabertura do Museu.

ALVARO DE SÁ VIANNA.

O paradoxo

Quem pode jamais dizer-me
Com certeza donde vim,
Si sou simplesmente um verme,
Ou si Deus está em mim?

Mysterio! a vida eu a sinto
Como uma tenaz candente
Nas veias; porém não minto
Dizendo que a acho excellente...

Mata-me o tédio do mundo
E nisto encontro um prazer.
Como o Hamlet meditabundo
Agito o «ser e o não ser»

Sou uma antithese viva,
Talvez um sonho do cháos,
Extracto que Jaweh ou Siva
Fez dos genios bons e maus.

Contrastes ms não surprehendem,
Fascina-me o Bem. O Mal
Tem attracções que me prendem
Dentro de um fosso fatal.

A metaphysica nunca
Fez cousas tão encontradas:

FOLHETIM

Don Juan

(HOFMANN)

(Continuação do n. 16)

I

Tremendo de frio embuçado no manto, contrista a physionomia, Leoprello, adianta-se, alta noute, para o pavilhão e murmura «Notte e giorno fatigar»... Como o italiano, digo: «Ah! che piacere». Vou pois ouvir todos os recitativos tal qual o mestre os comprehendneu e deixou-nos.

Don Juan entra bruscamente em scena, seguido de Dona Anna, que captiva o culpado pela ponta do manto, Que aspecto! Ella podia ser mais alta, mais esbelta e mais magestosa no andar; mas que cabeça! Olhos que espadanam, como

um feixe de faiscas electricas, como um fogo grego, inextinguivel, a colera, o odio, o amor; o desespero, luxuosas tranças de cabellos pretos á fluctuarem pelas espaduas. Um vestido branco, que esconde e publica encantos cuja visão foi sempre perigosa, Seu collo emocionado por uma acção atroz, freme em violentos anceios... E agora, que bella voz! «Non sperar se non m'uccidi».

Em meio o tumulto dos sons dos instrumentos, sua voz semelha um relampago. Debalde Don Juan tenta desembaraçar-se. Querirá de facto? Porque não repelle com vigor esta fraca mulher? Porque não foge? Seu crime enervou-o, ou o combate do odio e do amor tornou-o irresoluto?

O velho pae pagou com a vida a imprudencia de combater nas trevas contra esse terrivel adversario. Don Juan desembuça-se e apparece com um rica vestimenta de velludo e prata. Tem estatura nobre e altiva, rosto viril, olhos penetrantes, labios

finos e de desenho brando. Guardando a compostura elegante dos traços physionomicos, dá algumas vezes ao rosto, uma expressão diabolica que assusta, em movendo de certo modo as sombrancelhas. Dir-se-hia que deve possuir grande poder de magia, que as mulheres que encara ficam fascinadas e captivas desta força mysteriosa que condul-as ao abysmo.

Alto e magro, trajando nma vestimenta riscada de escarlata e branco, e com um manteu vermelho, cobrindo a cabeça com um chapéu branco de pluma vermelha, Leoprello corre após seu amo. Seu rosto offerece a singular expressão de simplicidade, finura, ironia e audacia.

Conhece-se que este bregeiro deve ser o creado condescente de D. Juan.

(Continúa).

C. A.

Sou rico, e habito a espelunca,
Choro, dando gargalhadas.

A's vezes até duvido
Si sou, e me palpo então;
E no vivo peito ardido
Sinto da Morte a canção.

O Tempo, corcel fogoso
Jamais galga o meu abysmô.
Serei o perpetuo esposo
Das fibras deste organismo?

Quero viver, e não quero
Ao mesmo tempo sentir
Da Vida o phantasma austero
Me conduzindo ao porvir,

E' que ardem no paraiso
Infernos, engana o amor,
O labio mente e o sorriso
E' uma parodia da Dôr.

S. Paulo—1881.

AUGUSTO DE LIMA.

VARIEDADE

Franquezas

(D'APRÈS NATURE)

(A' THEOPHILO DIAS)

A arte de fazer franquezas não se perde, ao que nos consta, na noite dos tempos; entre nós cremos que nasceu ella do desenvolvimento progressivo e espantoso das linhas de bonds e dos botequins.

Em verdade, porque das nossas observações «salutares» e «economicas» hemos chegados á conclusão de que é nos bancos dos carris e nas mezas dos botequins que as franquezas se nos apresentam com maior frequencia e sob diversos pontos de vista.

Assim vamos mui ligeiramente esboçar aqui o quadro duplamente seductor dos «francos» e dos «franqueados».

O leitor, mora, por hypothese, na Consolação e tem por habito diario trazer na algibeira do collete os quatrocentos réis para ida e volta; entra no bond e lê o seu jornal, ou palestra com algum amigo, ou não faz cousa alguma.

A viagem vae proseguindo; o recebedor começa a proceder a cobrança, o leitor revolve o bolsinho e apanha dous tostões, apresentando-os ao «pique» ou ao «coupon» do empregado.

—«Não senhor, já está pago».
E o recebedor passa adiante.

O primeiro movimento do leitor é entre a admiração e a satisfação; o segundo é fazer voltar os dedos na direcção do bolso e lá deixar cahir o nickell, o terceiro é o da investigação.

Sim, porque «se já está pago», alguém forçosamente pagou, «fez uma franqueza».

E os olhos passam em rapido exame os demais passageiros e nem sempre acertam com o «desejado»; os labios desprendem-se e murmuram um—«obrigado»... ao conductor e está feita a viagem.

Quanto aos que «fazem franquezas» convem distinguir.

Uns fazem-n'a e, por um excesso de modestia, conservam-se impassiveis, guardam o incognito.

Outros, apparentam modestia, mas nunca é tanta que não cheguem a ser descobertos, fazendo jus ao dialogo:

—«Muito agradecido».

—«Ora, por quem é!...»

—«Para outra vez andarei mais depressa».

—«Ficaremos quites».

E por ahi entabola conversação.

Nos botequins as «franquezas» avultam.

Está o leitor sentado á meza, prompto para saborear o café, quando entra um amigo e corteja-o risinho, amavel.

—«Como tem passado?»

—«Bem, agradecido.»

—«Acceita uma chicara de café?»

—«Homem...»

—«Ora, acceite; sente-se.»

E o caixeiro serve a ambos.

Na occasião do pagamento ha discussão—

—«Perdão, eu pago».

—«Fui eu quem convidou»

—«Tenha paciencia, porém...»

E o amigo sacea «uma de cinco».

—«Troque e pague-se.»

Diz ao caixeiro.

—«Olhe «seu», faz favor; esta é menor», tome.

E o leitor substitue a de cinco por outra de cinco... tostões.

Agradecimentos, protestos, etc., etc., e ambos apartam-se.

.....

Para idéa geral basta isto.

Ha, porém, um «addendo».

As «franquezas» visam sempre a «unidade».

Nos bonds principalmente ha su-

jeitinhos que começam a viagem no ultimo banco e que antes de terminal-a estão na plataforma.

«Cherchez la famille»...
Comprehendem?

19 de Agosto de 1881.

OSCAR PEDERNEIRAS.

DE TUDO E DE TODOS

Acabavamos de escrever o artigo defuudo, quando ouvimos pelas escadas passos apressados, atropellados e destacou-se alguém no fundo escuro da porta. Imagine o leitor, quem destacou-se! a pessoa de «Marion», o grande e incomparavel Marion, o applaudido auctor da «Roseira» e do «Collar d'Africana».

Entra, mal corteja, toma a pena, curva-se sobre a meza e deixa cair sobre a capa vermelha de um folheto o seguinte:

Para a Redacção do «Americano» e outros

Offerece

O AUCTOR.

Era «A Petala» que nos offerecia, sua ultima filha, quente ainda do agasalho que lhe proporcionara «o ventre paterno».

Entrega-nos a joia, esse mimo, essas seis paginas que valem vinte das melhores de Lamartine e diz-nos azafamado:

«Passem bem...!»

Ate que o sr. Marion, 4° annista (avulso) veio quebrar a monotonia academica.

O distincto abolicionista dr. Climaco Barbosa offertou a Sociedade «Emancipadora Academica» o catalogo dos objectos que tiveram de figurar no leilão, impresso nitidamente em cartão de diversas côres.

Recebemos:

«Revista da Sociedade Academica Deus, Christo e Caridade», n. 7, contendo: «Secção editorial»: Disciplina da Sociedade Academica; Universalisação do Spiritismo; Aos nossos correspondentes; A sciencia; Uranographia geral; O bem e o mal; Parecer do Conselho de estado; O Spiritismo no Brazil. «Secção administrativa»: extracto das sessões; deliberações; «Secção li-

vre»: O Spiritismo na Hespanha; Noticias e avisos.

Somos tolerante e como tal recebemos amavelmente a visita do collega.

Hoje que lançam-se no campo da contenda duas escolas arrojadas a de S. Thomaz e a de Comte é de todo sem razão querer impôr uma doutrina, que não pode deixar de ser o desvairamento da intelligencia.

Condemnado pelo Catholicismo e pelo Positivismo, o Spiritismo nada mais faz do que confundir as intelligencias com suas mil subtilizas.

Lamentamos de coração, que moços, naturalmente de talento, se deixem levar por semelhantes theorias.

Pelo principio de tolerancia que aceitamos, saudamos os esforços do distincto collega e permutaremos.

—«Gazeta de Cantagalho».

—«Messenger du Brésil».

—«O Financeiro, Capital».

—«Revista de Engenharia», n. 8.

—«O Scenario», ns. 1, 2 e 3, redactores «Othelo, Kean e Hamlet». O programma com que se apresenta o collega é o mais interessante possível, promettendo supprir uma lacuna que ha no jornalismo brasileiro. Comtudo os numeros que temos á vista não tomam convenientemente á peito a idéa que procuram realisar. O theatro, de que tão pouco se ha curado entre nós, necessita que d'elle trate com todo interesse, estudando sua origem, as causas que podem influir e que de facto influem, sua marcha demorada até hoje, seus poucos cultores, bellezas e defeitos das actuaes producções theatraes. D'isso não trata o collega, gasta suas columnas com trabalhos frouxos, bem que nelles descubra-se talentos capazes de produzir bastante.

«O Scenario» lucraria se não publicasse mais aquelles versos. Oh! aquelles versos....

Do novo collega esperamos muito se comprehender perfeitamente seu fim.

Nossos agradecimentos.

Advogados.—Drs. José Maria Corrêa de Sá e Benevides e José Estacio Corrêa de Sá e Benevides têm seu escriptorio á rua do Quartel.

Recebemos do illustrado 5º annista sr. Oliveira Arruda — «Estudo Juridico Philosophico» de cujo juizo encarregou-se um nosso distincto collaborador.

Entre empregados de uma casa commercial:

—Não sei si sabes que o caixa

fugio esta noite com 800\$000 do patrão...?

—Ai! que ratão!

—E roubou tambem o oculo que deixaste no escriptorio...

—Ai! que forte patife!

Advogados.—Dr. Antonio Carlos e Luiz Gama, travessa da Sé n. 4.

Advogado.—Manoel Antonio Dutra Rodrigues, travessa da Sé n. 2.

SCIENCIA SOCIAL

O sr. João Braz de Oliveira Arruda, estudante do 5º anno da Faculdade desta cidade, offereceu-nos um exemplar do seu «Estudo juridico-philosophico». Este folheto é o 1º, segundo nos consta, de uma serie de folhetos, que o autor pretende publicar, defendendo varias theses sociaes. O trabalho que temos ás mãos é muito digno de applausos, porque manifesta estudo e talento, mas se tem boas qualidades tambem tem defeitos, e não poucos. Não é escripto o pamphletto com a clareza, que é mister em trabalhos do seu genero; o estylo cheio de superfluidades, não é nada sobrio; a leitura é enfadonha e cansa; ha difficuldade ás vezes em não perder o fio da discussão, o cordão logico do auctor; emfim ha no livro pontos muito obscuros, trechos muito confusos, contradicções muito palpaveis, e argumentos, ás vezes, bem pueris.

Demais, tem o sr. Oliveira Arruda o immenso defeito de amontoar citações sobre citações, e neste pandemonio dansam hybridamente, sem distincção alguma, em uma mistura que destôa, os nomes de Rossi e Guerra Junqueiro, Bentham e Eugenio Sue, Voltaire e Victor Hugo, Montesquieu e Tira Dentes, etc. A' par de uma idéa do Contracto Social, vê-se uma da Musa em Férias, outra dos Mystérios de Paris, outra do Eurico e assim por diante. Tudo isso revela pouca reflexão e pouca experiencia no manejo da penna.

Desculpe-nos o auctor nossa sinceridade e creia que, si della usamos para comsigo, é porque tambem no fim do 1º capitulo do seu folheto ha estas palavras: «Terminando-se, usa-se pedir benevolencia: é-nos impossivel isto. Seria negar a priori as forças com que pretendemos atacar...»

Attaque o auctor com quantas forças puder, ha muita lealdade nas suas palavras, e muita convicção no que diz, e por isso ao me-

nos tem jus aos maiores louvores, á mais seria homenagem. O que é preciso, porém, em nosso entender é que o sr. Oliveira Arruda se esforce por tornar convidativa a leitura em trabalhos como este, de tanta importancia. Os trabalhos de propaganda devêm tambem ter este caracteristico essencial, que é o que falta ao do sr. Oliveira Arruda, para generalisar-se e não enfadar o espirito, nem exaurir a attenção: a systematisação clara, breve e simples. Pode servir de exemplo e modelo a «Republica Federal» de Assis Brazil.

O sr. Oliveira Arruda mostra que tem uma leitura variada e já abundante, mas pouco systematisada ainda.

Tem enthusiasmos grandes, excessivos e necessita de um calmante espiritual.

No principio de seu livro estuda as diversas escolas de criminalistas e as suas divergencias em relação ao Direito de Punir; a escola de Beccaria, a de Romagnosi, a de Kant, a de Hobbes, a de Bentham, a de Rossi, etc. Esta primeira parte do livro comprehende um estudo muito succinto, e pouca importancia tem. O algum valor real do seu trabalho começa da 4ª parte em diante, em que houve mais pezo e criterio da parte do auctor.

Rossi, é o escriptor que mais influe, talvez, no animo do sr. Oliveira Arruda, apesar delle rejeitar em concreto, como impotente, o sistema do criminalista italiano. A abolição do que encerra esta palavra: «penitenciaria» e a sua substituição pelo ensinamento e correcção, como requisitos essenciaes da pena, eis a noção mais eloquente do auctor.

Entretanto, é onde o sr. Oliveira Arruda menos se alongou e onde apresentou menos desenvolvimento.

Finalizando, diremos com a mesma franqueza com que apontamos os defeitos deste livro: o seu auctor é um moço consciencioso, trabalhador e intelligente.

E'com o reconhecimento dessas invejaveis qualidades e com a convicção da sua nenhuma pretenciosiosidade vã e fatua, como a de muitos, que assim nos portamos em relação ao sr. Oliveira Arruda. Damos-lhe os parabens pelo seo tentamen que, apesar de imperfeito, é promettedor; e esperancados, aguardamos outros trabalhos seus, por certo, mais polidos, mais atilados e mais merecedores de encomios.

RAYM.